

A GEOGRAFIA HUMANÍSTICA COMO FERRAMENTA DE ENSINO

Jecson Girão Lopes

Mestre em Desenvolvimento e Meio ambiente – Universidade Federal do Ceará

jecsang@uol.com.br

Resumo:

O presente artigo trás à tona perspectivas de aplicação da geografia humanista para o ensino da Geografia, bem como faz alusão aos seus mecanismos de relacionamento com outras disciplinas. Nesse sentido, vale mostrar alguns dos novos vieses da concepção humanista da Geografia. Assim, sublinha-se o sentimento e a emoção, lastreando-se no subjetivismo e na relação que os seres humanos têm com espaço vivido/vivenciado e percebido. Estas abordagens recebem tratamento enquanto conhecimento holístico e geográfico. Para tanto tem eminência as categorias que envolvem o cotidiano local, estas como fontes imprescindíveis, tanto para a epistemologia geográfica fenomênica como para o ensino da mesma.

Palavras-chave: Geografia Humanista, fenomenologia, Subjetivismo, Ensino

HUMANISTIC GEOGRAPHY AS A TEACHING TOOL

Abstract:

The present article states perspectives of applications according to humanist Geography, to the teaching of Geography, as well as refers to its mechanisms of relations with otheis subjects. In this manner, it is important to show some of the new kids of geographyis humanist conception. Thus come out the sentiment and the emotion, firming up in the subjectivism and in the relation that the human beings has with the everday life and perceived place. These inquiries receive treatment as holistic and geographical knowledge. For this, has importance the categories that take place in everyday life area, these categories as necessary sources as to the geographical epstemology phenomenical as to the teaching of it.

Keywords: Humanist Geography, Phenomenology, Subjectivism, Teaching

Introdução

A Geografia como disciplina escolar ainda tem estigma de ser meramente uma disciplina que discorre sobre localização de países, regiões, estados, cidades, na qual descreve seus aspectos naturais e populacionais, tais como o tipo de vegetação, clima, hidrografia, geomorfologia, pedologia e o quantum de população contêm em um determinado local de análise. No entanto, a nosso ver isso, a passos lentos, esteja mudando. Essa marca advém desde a época do início da sistematização da Geografia

enquanto ciência no século XIX, com a chamada Geografia tradicional de matriz filosófico/ideológica positivista.

É somente no último quartel do século XX, mais precisamente em fins da década de 1970, em Fortaleza-Ce, que a Geografia radical ou crítica começa a ganhar robustez e passa a figurar como um campo de debate mais pormenorizado para a Geografia enquanto ciência que se debruça na análise da relação homem/espaço ou como prefere alguns, sociedade/natureza. O fato é que com a perspectiva crítica a Geografia abria um grande leque de análises e discussões da realidade social e natural. Sob uma matriz filosófico/ideológica materialista-histórica de base marxista. Assim, a Geografia teve um aumento da visibilidade e de sua importância enquanto ciência que se propõe a estudar as inter-relações sócio/espaço/territoriais.

Todavia, como a sociedade se constrói dinâmica e complexamente, as correntes supramencionadas discorrem e analisam boa parte das questões que envolvem os sujeitos sociais na relação com o seu entorno, com o espaço, lugar, paisagem e território, porém longe de explicações finalistas. Ademais, no correr dos anos a relação ensino-aprendizagem vai sofrendo transformação, mudanças, permanece com alguns entraves, avança, isto é, essa relação é subsidiária da contingência, que faz parte de sua própria natureza, haja vista ser engendrada por seres humanos, contingentes de igual modo.

Nesse sentido, é que a perspectiva de ensino-aprendizagem de matriz humanística começa a ganhar força, principalmente no final dos anos de 1990 e início do século XXI, advogando que a identidade, a subjetividade, a inter-subjetividade, a cultura podem e deve fazer parte da elaboração e da propagação de estudos, de conhecimento de um modo geral. Até porque estamos em um período em que os chamados valores morais, éticos e estéticos tidos como tradicionais estão passando por momentos de interrogações, na tentativa de entendê-los como apenas uma via e não como a única como se pensava, de modo mais forte, em épocas passadas.

No que respeita a Geografia a premissa posta acima pode ser vislumbrada através dos questionamentos e reflexões da geografia humanista de cunho cultural. Esta Geografia suscita novas premissas de referência, de concepções, de abordagens e perspectivas nas pesquisas e nos estudos. Isso faz emergir possibilidades de avanços

epistemológicos e metodológicos para as abordagens da Geografia na academia, bem como no ensino fundamental e médio.

Dentro desse escopo o presente artigo direciona para essas novas perspectivas de abordagens fenomênicas, em que a sensação, sentimento, a emoção, entra em pauta como meios para a investigação científica, haja vista que as sensações, os sentimentos fazem parte da existência, sendo assim pode, sem sombra de dúvidas, fazer parte de mecanismo de investigação, pois a relação “penso logo existo”¹, pode ser inter-relacionada com a perspectiva sinto, assim existo e desse modo penso. Pois o ser humano não é exclusivamente razão; mas igualmente alguém que tem sensações, isto é, que sente, que percebe, que forma suas imagens a partir de sua subjetividade. Assim, os lugares, as paisagens assumem concepções a partir das vivências, dos contatos, das identidades, das subjetividades.

Dentro desse íterim é que entendemos que a agregação dessas compreensões por parte dos docentes faz-se necessário para uma maior compreensão das exigências que a ciência geográfica tem suscitado na contemporaneidade.

A Geografia de Base Humanista: novos vislumbres

O artigo que ora emerge, *A geografia humanista como ferramenta de ensino*, não tem a pretensão de se desarraigar de uma metodologia racional, mas sim propor um amálgama entre a racionalidade e a emoção. Pois, principalmente esta última, com sua premissa imaginária, por meio da subjetividade trás, a nosso ver, um novo vislumbre à promoção do conhecimento científico.

Vale lembrar que ao enfocar esse novo vislumbre não estamos esquecendo do cientificismo filosófico que baseado na razão efetivou-se em fins do século XVII², que logo em seguida adquiriu gabarito de ciência, na qual destacou o racional, as sínteses na sistematização e gênese dos conhecimentos e saberes, sendo por essa via era a única forma de se chegar a uma espécie de ordem, equilíbrio e progresso. Mas por outro lado não esqueçamos que algumas, meio que camufladas ou abafadas, posturas

¹ Aqui lembramos a célebre frase do filósofo francês René Descartes em seu livro *Discurso do Método* (Coleção Pensadores, 1973).

² Ver Gomes (2001, p. 26).

contrárias a mencionada à cima, tais como propostas místicas, anarquistas que, na realidade serviram de oposição ao estabelecimento exclusivo da razão, do cientificismo estabelecido, bem como de sua institucionalização.

Assim, a perspectiva de novos vislumbres científicos, de novos modelos passa necessariamente por essas posturas destoantes, que na realidade era e é uma proposta de ampliação frente às novas formas ver o homem, o mundo, por meio de novas perspectivas, através de novos modelos.

O humanismo na ciência geográfica, trilha esse caminho de evolução, não de revolução e nem de desordem ou de mera mudança, porém temos aqui um alargar de horizontes no que se refere à aplicação das metodologias de apreensão do homem e da realidade.

Esses novos vislumbres no método de se trabalhar na Geografia não têm por premissa dar alguns retoques na perspectiva que vinha sendo trabalhada, mas, nessa nova metodologia o homem não deve ser estudado meramente como um ser que racionaliza, todavia este sente, ou seja, experimenta sensações, sentimentos, que é reflexivo, imaginativo, criativo.

Isso porque a bem da verdade para a Geografia humanista qualquer separação petrificada entre o mundo objetivo, exterior e o mundo subjetivo, interior é desprezada. Pois o homem e o mundo têm consistência a partir de suas respectivas conceituações e constituem uma espécie de expansão de nossas consciências. Haja vista que se o sujeito estiver inserido no construto do conhecimento, não ocorre possibilidade de cisão entre objetivo e subjetivo, entre fatos e valores. Nesse sentido, analisar, descrever e compreender fatos, para a geografia humanista, passa necessariamente pela abordagem e pela apreensão do homem, isto é, por uma empatia³ com o homem.

Bailly⁴ citando Chistinger assevera que para cada pessoa o universo se forma dele mesmo, de um domínio que para cada um é inicialmente estranho, mas que ele busca apreender fisicamente e racionalmente baseado nos conceitos de ser/estar⁵

³Empatia vem do grego *em+phatos+ia* (estado de alma). Assim, empatia aqui empregada quer significar a capacidade de compreender o sentimento ou reação da outra pessoa imaginando-se nas mesmas circunstâncias. Em outras palavras é capacidade de se identificar com outra pessoa; faculdade de compreender emocionalmente outra pessoa.

⁴ Bailly (1995, p. 156, 157).

⁵ Percebe-se aqui a imbricação ontológica e epistemológica.

analisando e conhecendo que os mesmos estão indissolivelmente amalgamados. Fremont (1997), por sua vez releva o vivido e a bagagem geográfica e conceitual que permeia e engendra esta perspectiva. Essa conceituação sumariza relações mais do que complexas dos homens com seu espaço de vida/vivência, concreta/material, bem como ecológicas e psicológicas.

Não é recente que se sabe que isso integra o próprio vislumbre das análises dos cientistas espaciais, geógrafos, sobre as relações sócio-espaciais que os mesmos estudam. Sabe-se, portanto que olhar do geógrafo, em nenhuma hipótese, é inteiramente desprovido de bagagem subjetiva, pois o espaço vivido/vivenciado é necessariamente, também o espaço dos geógrafos.

Nessa linha de abordagem pode suscitar que a Geografia é, na realidade, um emaranhado complexo de espelhos, na qual os homens enviam suas imagens junto com a imagem dos outros homens (dos seus espaços de vida/vivência) para eles mesmos e opostamente, bem como envia também aos geógrafos que os observam reciprocamente.

Com a emergência do novo século se apresenta uma perspectiva de mudança, de transição, de reestruturação e clara modelagem na premissa projetada pela sociedade que tinha como base os fundamentos da modernidade/cientificidade em seu molde tradicional e porque não dizer até hoje. Isso está levando o ser humano a reavaliar toda construção e produção nos vários saberes e as vicissitudes que compõem toda a sua existência.

Gomes⁶ afirma que esse período é o dito pós-moderno, que tem base inicial nos anos de 1970. Com essa nova perspectiva surge também uma nova direção de preocupação que se fundamenta, fundamentalmente na estética. Essa questão é apenas para o autor acima um embrião de mudança, pois a perspectiva do projeto moderno⁷ ainda está de pé, tais como suas bases científicas, seus materiais e suas técnicas.

No pós-modernismo, por sua vez, eleva-se a perspectiva do distanciamento do universalismo, das generalizações que fundamentaram e fundamentam o projeto do modernismo, pois promove outros meios e formas de legitimidade distinguindo-se da forma de racionalidade a qual estigmatizou e execrou o sentimento, a intuição dedutiva,

⁶ Gomes (2001, p. 20).

⁷ Ver David Harvey em “A condição pós-moderna”.

a indefinição, a polimorfologia, a polissemia. Perspectivas que se afasta das unificações generalizadas e evitam a razão totalizante e universal.

Estes novos vieses estéticos e artísticos inauguram vislumbres diferenciados de temporalidade/tempo e espacialidade/espço, tornando-os relativos. Observa-se, desse modo, um aparato de mutabilidade, sustentando-se e constituindo-se novas unidades fenomenológicas. Estas aparecem de modo mais perceptíveis em manifestações artísticas, ao passo que nos saberes e conhecimentos científicos, isto não aparece com tanta visibilidade. Mas seu avanço, apesar de ser paulatino, não é menos real do que o primeiro.

Na Filosofia essa perspectiva fenomênica é vislumbrada no pensamento de Edmund Husserl⁸, Martin Heidegger⁹, Merleau-Ponty¹⁰, Jean Paul Sartre¹¹ entre outros. Na ciência a iniciativa mais clara é a teoria anarquista de Feyerabend, asseverando que os instrumentos metodológicos convencionais são inconsistentes e a supremacia da razão e o aporte mitológico se assemelham na sua condição epistêmica, valorizando o particular e o único advindo do sujeito e seu mundo.

Para Capra¹² indica que a razão e a intuição são maneiras indissociáveis no funcionamento da racionalidade humana. A primeira é concentrada, analítica e linear. A segunda, parte da realidade, do vivido/vivenciado, do não pensado, privilegiando a percepção consciente. Isto provocou uma divisão entre matéria e espírito, levando a um pensamento mecanicista reduzindo e separando os elementos assim como seccionando a natureza. Isto ocorre, também, na estrutura básica da maior parte das ciências, exercendo grande influência nas nossas vidas, provocando, também separação das disciplinas acadêmicas, assim como visões fragmentadas de políticas de governos e entidades responsáveis pelo meio ambiente bem como de outras áreas.

Para Capra (1982), a maior parte dos ramos da ciência percorre os fundamentos da física clássica, aceitando o reducionismo e o mecanicismo da mesma. Assim, também são os economistas, psicólogos e sociólogos que acabam aderindo, quase naturalmente à Física newtoniana, quando da tentativa de tornar científicas suas

⁸ A idéia de fenomenologia. Edições 70, Lisboa, 1986

⁹ Ver Heidegger em o “Ser e tempo”.

¹⁰ Sentido y Sinsentido: Península, 2000

¹¹ Ver Sartre em “O Ser e Nada”: Vozes, 2005.

¹² Capra (1999).

respectivas teorias. No entanto no último século a visão mecanicista da Física passa por importantes metamorfoses e sustenta estrutura orgânica e ecológica de aporte holístico e certo misticismo. Nessa perspectiva, o universo é visto como um todo harmonioso e indissociável, que promove ligações dinâmicas, complexas e unindo todos os objetos, elementos e fenômenos que se ligam substancialmente ao ser humano e sua consciência essencial.

A concepção do mundo como máquina, em detrimento de idéias orgânicas foi o que a sociedade moderna construiu ao longo do construto de seu monumento quase indestrutível. Este enfoque foi de grande importância para a estruturação da sociedade moderna ocidental que foi arquitetada, fundamentalmente por dois filósofos, Descartes e Newton.

O primeiro com sua conhecida premissa “penso logo existo”, indica que a substância do ser humana está no pensamento e que o conhecimento verdadeiro/correto é alcançado pela intuição e dedução, caracterizando-se em instrumentos imprescindíveis à edificação do pensamento e conhecimento humano.

Para Descarte o universo material constitui-se, simplesmente em uma máquina, desprovida de espiritualidade ou vida, funcionando através de leis rígidas/mecânicas explicadas por intermédio dos movimentos de suas partes. Com este pensamento mecanicista, ele tenta constituir parâmetros a uma completa ciência natural, estendendo esta concepção dos organismos vivos. Aos quais flora e fauna, por exemplo, são considerados em seus funcionamentos simplesmente mecânicos e o ser humano, possuidor de alma racional¹³, estava ligado ao corpo pela glândula pineal e tido como animal-máquina. Newton, por sua vez, essencialmente continua o pensamento de Descartes, concretizando seu projeto, matematizando a concepção mecanicista da natureza.

Assim, fica evidente a necessidade de uma remodelagem, reestruturação dos ideais humanos, partindo-se de uma reelaboração de seus saberes e uma revisão de suas capacidades e possibilidades que atendam estas necessidades, que estiveram subjugadas e proteladas, por grande parte da sociedade, que sumariamente não levou em conta o conjunto, o todo na promoção de seu projeto de vida desde a modernidade. Nessa

¹³ Ver Descartes em “Meditações” e “Paixões da Alma” (coleção os pensadores, Abril Cultural, 1973).

perspectiva, a Geografia de base humanista-fenomênica emerge-se inegavelmente como alternativa palpável à junção entre objetividade e subjetividade, relevando que o sentimento e as emoções devem ser incluídos na realização dos conhecimentos e saberes.

Geografia: Subjetivismo e Intersubjetivismo

Percebemos que a recusa, a aversão e a resistência à subjetividade e a intersubjetividade são muito mais severas quando se trata do engendramento do conhecimento científico, em linhas gerais, bem como da ciência geográfica em específico, ao passo que por outro lado a subjetividade acrescentada da intersubjetividade torna-se fundamental às perspectivas didático/pedagógico e do conhecimento geográficos.

No que concerne ao cientificismo, um pesquisador (Poiliot, Apud, Bailly, 1995), não pode querer chegar ao nível do discurso e do método científico se é colocado diante da paisagem munido somente de sua afetividade, subjetividade e de suas emoções. A partir disso, o mesmo pode engendrar meramente um discurso subjetivo, portanto cientificamente não válido sobre a paisagem analisada. No entanto, mesmo assim isto pode ser repensado diante das manifestações de mudanças do mundo hodierno.

Bailly (*Ibid*) aponta para um vislumbre menos radical, isso não quer dizer que seja científico, e em maior conformidade com os anseios da sociedade contemporânea em relação a este aspecto, eminentemente no que se refere ao âmbito social quando assevera que, toda a construção do real é em parte estruturada logicamente e ao mesmo tempo estruturada parcialmente illogicamente, pois é inconsciente; este paradoxo só é levado em conta apenas pelas teorias probabilistas; as outras só pegam do fato social sua projeção no real, superestrutura coerente em aparência. Também é ilusório e fantasioso desejar trancafiar o social numa armadura grotesca de um sistema determinado se não deixa margem à questão dos aspectos não comunicáveis e não descritíveis da experiência do homem como um todo.

O autor reafirma que para entender esta dificuldade, remonta-se aos níveis cognitivos tradicionais do projeto da modernidade. Parece fácil dar um modelo, nesta

experiência cognitiva ativa, o que se descreve, se comunica, como fazê-lo, regulá-lo, informá-lo, decidi-lo, coordená-lo, finalizá-lo. Desse modo, é mais delicado abordar o memorizar que é só uma hipótese sem a qual o sistema cognitivo não é inteligível. Como este elemento fundamental, na estrutura da inteligência artificial, não é descritível torna-se, portanto, *a priori*, dificilmente compreensível.

O mesmo ocorre com os elementos invisíveis, isto é, imprevisíveis que promovem e inferem a subjetividade da interioridade humana. Assim é claro que muitos sentimentos, bem-estar, por exemplo, não se manifestam pelas ações, nem por raciocínio, eles são, entretanto imperceptíveis e incompreensíveis em termos de experiência cognitiva humana. No que diz respeito ao subjetivismo e o intersubjetivo, seu desenvolvimento e aplicação na Ciência observam-se, na atualidade, vários debates que tentam inserir o emocional, sensações intersubjetivas no tratamento científico.

No que se refere à Geografia, a Fenomenologia e a Geografia Radical/Crítica se mostram com seus respectivos humanismos, porém. De modo singular o método fenomenológico, no que concerne ao emocional e subjetivo, consegue dá suporte a Geografia no que tange a este aspecto, vinculado ao espaço vivido/vivenciado.

Vale salientar que ainda se inferem muitas inquições, questionamentos, pois a perspectiva filosófica da Fenomenologia na Geografia ainda não é tão bem explorada, e não tão bem aceita, muito embora já venha ganhando terreno, mas ainda, segundo alguns, precise de estudos mais pormenorizados. No entanto, isso não significa que sua abordagem não seja científica, mas que algumas reflexões ainda se fazem necessárias, desde seu posicionamento epistêmico-filosófico até sua composição teórico-metodológica. Desse modo, estudos devem ser realizados para que a Geografia venha a ser subsidiária efetiva dessa nova perspectiva que se vislumbra na contemporaneidade.

O Ensino de Geografia e o Subjetivismo

Na perspectiva didático/pedagógico da Geografia Humanista Cultural de base fenomenológica fica mais inteligível e mais fácil de entender e até de justificar e fundamentar a subjetividade em relação ao conhecimento. Ao passo que na perspectiva

científica as críticas para tal são ferrenhas, no entanto, a nosso ver, de certo modo, precipitadas, pois o tema ainda está no limiar dos debates e das discussões e, assim, deve ser debatido com mais proficuidade.

Neste caso Kozel (2002), afirma em linhas gerais que para se perceber a subjetividade das pessoas, tem-se que remontar as representações mundanas das mesmas. Assim, as representações tornam-se fundamento das ações, as quais pressupõem conhecimentos e não somente um processo de aprendizagem.

Bailly (*Ibid*), ao se reportar ao subjetivo diz que é de onde vem o imaginário e a representação, diz também que esta é constantemente descartada por causa de nossa identidade racional cartesiana a qual exalta a objetividade e o pensamento funcional e desdenha toda a manifestação subjetiva. Por este caminho o autor tenta aproximar o ensino da geografia à ciência. Isto é percebido quando o mesmo instiga a amarração do imaginário ao conteúdo científico e seu respectivo conteúdo trabalhado no ensino da Geografia. Ademais, assevera que o conteúdo geográfico concatenado não é tudo e o subjetivo e as representações sociais assim como o imaginário devem estar em estreita identificação com o saber cognitivo/científico.

Embora esta relação ensino da disciplina geográfica na escola, através das representações, imagens, subjetivismo e a produção científica que dão sustentação a Geografia se relacionem, é importante asseverar que além das representações proporcionadas pelo conhecimento geográfico, tem-se a pretensão de sublinhar o subjetivo e a percepção do espaço vivido/vivenciado. Ou seja, o cotidiano, o dia-a-dia do homem e sua forma de apreensão de si e do mundo que o circunda.

Nessa linha de percepção, fica evidente que a percepção singular/individual de cada pessoa (estudante), seguida das interações perceptivas organizadas através de atividades elaboradas pelos mesmos, e intermediada pelo professor, devem ser o fulcro de partida para a prática do ensino/aprendizagem. Esta perspectiva, em primeira instância, deve ser fundamentada pelo método fenomenológico, o qual já proporciona certo suporte à Geografia, mesmo com algumas reservas científicas, mas muito próximo de uma construção metodológica e didático/pedagógica.

Como já sabemos, a proposta fenomenológica discute o percebido, o vivido/vivenciado, através do sentido e do subjetivamente concebido. Podemos asseverar, e, assim depreender que estes fundamentos fenomênicos e da percepção

podem elevar e enriquecer a construção epistêmica e metodológica da Geografia, eminentemente no que se refere às categorias/conceitos como Lugar, Espaço Vivido/Vivenciado e Paisagem.

Bailly (*Ibid*) questiona o abandono do imaginário que o geógrafo faz sob pretexto de cientificidade que, longe de os arrastar em um caminho incerto, os afasta da existência mesmo de suas vivências, isto é, de seus espaços vividos/vivenciados. Existem imagens de lugares que tocam os nossos seres, nossas memórias coletivas, além das paisagens e das práticas ditas objetivas; e sem estas imagens, como nós poderíamos compreender estas mesmas práticas?

Nesse sentido cada ser humano possui uma imagem de si mesmo, que não é mera idéia anatômica, vive em nós a imagem dos lugares, diferentes das paisagens cartográficas. O humanismo na Geografia é sensível às emoções, a subjetividade, à familiaridade, para colocar em evidência esses componentes invisíveis de nossas imagens, que fazem parte do nosso todo enquanto ser humano.

Considerações Finais

As premissas e reflexões aqui mencionadas sublinham duas temáticas das ciências. A primeira trata da alocação efetiva do subjetivismo e intersubjetivismo como elementos, mesmo invisíveis, a ser referenciado e considerado na construção dos saberes e conhecimentos na contemporaneidade, ao passo que o outro trata da disseminação dos conhecimentos da ciência geográfica sob um fundamento humanista de base fenomenológica.

Estas considerações apontam para uma etapa de modelagem, de mudança, de metamorfoseamento e de transição nas veredas humano/científico da sociedade, pois as perspectivas humanistas que esteve nas entrelinhas do projeto das luzes estão vindo à tona de forma mais evidente e clarividente. Ou seja, a emoção, sensação, a imaginação, os sonhos, a criação e o estético, através da arte, quase que se exigem sua participação nas elaborações humanas. Desse modo entendemos que o individual, singular, o uno, o particular e o relativo se mostram clara e necessariamente nesta nova labuta por que passa a sociedade.

Na Geografia isso também não poderia ser diferente, até porque a Geografia está imersa na perspectiva do modelo de ciência da modernidade, bem como sem pestanejar imersa, no modelo fenomenológico perceptivo e representacional de aporte emocional, subjetivo, sócio-cultural.

Vale afirmar que é, também, de fundamental importância, além de mostrar que a representação provinda do humano/social é a consequência do movimento natural e processual do conhecimento, ele resgata a percepção particular/individual como apreensão do indivíduo na busca inabalável pelo saber/conhecimento, fazendo deste movimento processual o seu próprio ponto de saída. Ao passo que, muito embora, apesar das nuances e percalços epistemológicos para se propor e tratar da subjetividade e da intersubjetividade na questão das bases estruturais do saber/conhecimento geográfico tem-se por premissa lograr êxito quanto ao tratamento didático/pedagógico do mesmo. Vale observar que no ambiente pedagógico, isto é, na escola, é mais fácil agir com um pouco mais de liberalidade na abordagem de conceitos e categorias científicas.

Nessa perspectiva, entendemos que a abordagem dos conceitos e categorias da Geografia, principalmente os(as) de Paisagem, Lugar e Espaço vivido/vivenciado passa fundamentalmente pela experiência, subjetivismo, intersubjetivismo, emoção, representação, individualismo, sonho e outros. Assim, na medida em que forem bem explorados na sala de aula, bem como em pesquisas científicas com a matriz fenomenológica abre espaço para novas perspectivas de desenvolvimento da ciência geográfica.

Referências Bibliográficas

- BAILLY, Antoine et al. **Géographie Régionale et Représentations**. Paris: Anthropos, 1995.
- _____; SCARIATI, R. **L' Humanisme en Géographie**. Paris: Anthropos, 1990.
- CALLAI, Helena Copetti. **A Geografia e a escola: muda a Geografia? Muda o ensino?** In: Terra Livre. n. 16. São Paulo, 1º sem./2001.
- CAPRA, Frijof. **O Ponto de Mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente**. (Trad.) Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix. 1999.
- DARTIGUES, A. **O que é fenomenologia?** São Paulo: Editora Moraes, 1992.

- DESCARTES, René. **Discurso do método**. Coleção os pensadores: Abril cultural, 1973.
- _____. **As paixões da alma**. Coleção os pensadores: Abril cultural, 1973.
- FREIRE, Paulo. **Educação e responsabilidade**. In: Política e educação: ensaios. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1995. (Coleção questões da nossa época; v. 23).
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.
- GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 9 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loiola, 1993.
- HEIDEGGER Martin. **Ser e tempo**. Vozes, Petrópolis, 2006
- _____. **Sobre o humanismo**. Os Pensadores, São Paulo, 1979.
- _____. **A caminho da linguagem**. Vozes, Petrópolis, 2003.
- HUSSERL Edmund. **A idéia de fenomenologia**. Edições 70, Lisboa, 1986.
- _____. **A crise da humanidade européia e a filosofia**. Porto Alegre: Edipuers, 1996.
- _____. **Expérience et jugement: recherches en vue d'une généalogie de la logique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1970.
- _____. **Meditaciones cartesianas**. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.
- _____. **Problemas fundamentales de la fenomenologia**. Madrid: Alianza Editorial, 1994.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1987.
- MERLEAU- PONTY, M. **O visível e o invisível**. Trad. José A. Gianotti. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- _____. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos A. Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MONBEIG, Pierre. Papel e valor do ensino da Geografia e de sua pesquisa. In: Novos estudos de Geografia Humana Brasileira. São Paulo: DIFEL, 1957.
- MORIN, Edgar. **Articular os saberes**. In: GARCIA, Regina Leite; ALVES, Nilda. O sentido da escola. Rio de Janeiro: SEPE, DP&A, 1999.
- _____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.
- KOZEL, S. As representações no geográfico. In: MENDNÇA, F.; KOZEL, S. (Orgs.). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Contexto, 2002.
- PEREIRA, Raquel Maria Fontes do Amaral. **Da Geografia que se ensina à gênese da Geografia moderna**. 3ed. Florianópolis: UFSC, 1999.
- RIBEIRO JÚNIOR, J. **Introdução à fenomenologia**. Campinas: Edicamp, 2003.
- SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.
- SARTRE, Jean Paul. **O Ser e o nada**. Vozes, Petrópolis, 2005.
- _____. **O existencialismo é um humanismo**. Os Pensadores, SP, 1978.
- _____. **A náusea**. Nova Fronteira, RJ, 2002
- ZITKOSKI, J. J. **O método fenomenológico de Husserl**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.